

**Título: A “MALANDRAGEM” COMO EXPRESSÃO POLÍTICA DA
EXISTÊNCIA: MESTRE DUNGA E A CAPOEIRAGEM DE RUA EM
PENEDO-AL.**

Autor: Rafael Alexandre Belo

Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes – Fits

E-mail: rafaelbelo_paz@hotmail.com

Considerações Iniciais

Normalmente o termo malandragem recebe um sentido negativo diante de valores éticos-morais tradicionais. Naturalizou-se relacionar malandragem ao famoso “jeitinho brasileiro”, ou ao obter vantagem em tudo, e até ao ser corrupto, ao transgredir as regras.

Nosso posicionamento é que o entendimento da malandragem como simples atitude desviante, reflete a naturalização de um discurso que retira da malandragem uma dimensão fundamental: a expressão política da existência.

No processo, necessário, de desnaturalização deve-se compreender a construção cultural desta expressão, com suas raízes sócio-históricas e políticas.

Na intenção de contribuir nesse processo, buscamos compreender o sentido da malandragem na capoeira.

Desenvolvemos nossas reflexões a partir do material coletado na pesquisa intitulada “Educação e Sabedoria da Capoeiragem de Rua de Penedo: A relação professor- aluno entre Mestre Dunga e Diamante Negro”, desenvolvida como exigência da disciplina Historiografia da Educação: Teoria, Método e Fonte, do curso de Mestrado em Educação Brasileira da Ufal. Nessa oportunidade trabalhamos com história oral, a partir de narrativas do Mestre de capoeira Diamante Negro (Grupo Filhos de Angola-AL), sobre sua vivência junto ao seu primeiro professor: Mestre Dunga.

Usamos Walter Benjamin (1994) como principal referencial teórico e metodológico. Benjamin nos permitiu compreender como o passado elaborado pela memória torna-se parte de um fazer histórico inacabado, através de uma prática educativa politicamente emancipadora.

As narrativas registradas apontaram para o âmbito da capoeiragem de rua na cidade de Penedo, na década de 1980. Contexto em que procuramos resgatar a história do Mestre Dunga.

Na análise dos relatos a “malandragem” surgiu como categoria teórica fundada na expressão política da existência. Motivo pelo qual consideramos que a capoeira é, sobretudo, sua sabedoria, presente na malandragem do capoeirista, expressa em seu modo de ser, de resistir culturalmente e de se movimentar no âmbito micro-pólitico de sua vida.

No presente artigo, a partir das narrativas, objetivamos compreender que a malandragem da capoeira tem haver com a criação de estratégias políticas de sobrevivência no mundo, com a sabedoria do capoeirista, com sua capacidade criativa, seja no jogar, no cantar, ou nas diversas situações de seu cotidiano.

Consideramos que os elementos psicossociais que caracterizam a raiz de um capoeirista (diferentemente de um esportista, praticante de capoeira), estão presente em um “modo de ser” que se caracterizou como resistência, sabedoria de sobrevivência,

malandragem, estratégia micro-políticas elaboradas, sobretudo, nas ruas das cidades após a libertação dos escravos.

Para desenvolver nossa discussão, no presente artigo, iremos inicialmente abordar elementos do cotidiano da história de Mestre Dunga. Em seguida desdobraremos nossa compreensão da malandragem como expressão da sabedoria do capoeirista. E em nossas considerações finais apontaremos para a relação criativa entre memória e história, como importante contribuição para a psicologia social.

1. Mestre Dunga (Tuca)

Mestre Dunga é um personagem da capoeira, pouco conhecido fora de Penedo-AL e Neópolis-SE, cidades separadas pelo rio São Francisco.

Homem simples, do povo, viveu em Penedo na segunda metade do século XX.

Homem de altura mediana, pele morena clara “gastada do tempo”. Sempre era visto nas ruas, praças e becos próximos ao mercado, onde trabalhava fazendo frete. Também trabalhava no bananal, cortando e carregando banana. Trabalho não faltava para um homem forte e disposto a ganhar seu pão de cada dia.

“Ele era forte. Forte mesmo. Braço, perna, tudo. Sabe você nascer forte por natureza? Era ele. Uma que trabalhava no mercador, e carregava peso para cima e para baixo. Carregador. De peso mesmo. De fazer frete.”¹

Nas horas em que não tinha trabalho, e não estava jogando ou treinando capoeira, podia ser visto no bar tomando sua costumeira dose, ou na beira do rio treinando saltos ou pescando, ou então sumia em suas andanças.

“Também era um cara muito andejo, ia para Neópolis, ia não sei para onde, para os povoados por meio de Sergipe.”²

Faltava-lhe um dente, uma presa. (de cima, do lado esquerdo). Havia sido quebrada com um facão de cortar capim. Aquele conhecido popularmente como “faca da morte.”

Ele era de um tempo onde era comum existir brigas de faca. Contou, certa vez, que presenciara nas bananeiras “dois homens que se comeram na faca”, mas que saíram sem ferimento de tanto lutar.

Mestre Diamante dizia que ele era bruto de nascença, mas que seu coração era o de uma alma bondosa.

Era visto nas ruas com os pés descalços, e cheios de feridas, usando sempre uma mesmo calça, rasgada na altura do tornozelo. Calça de trabalho e calça de capoeira era uma coisa só. Diziam que era porque ele estava sempre preparado para o trabalho ou para entrar numa roda de capoeira.

Nunca eu vi ele com um sapato e nem uma sandália, nunca. Desde o dia que eu o conheci. Nunca vi ele com uma calça comprida completa, sempre pela metade. Aí eu digo: isso era capoeira de verdade ou era brincadeira? Porque o cara andar com uma calça já cortada, já para o que dê e vier, para correr, para brigar. E era brigo. Botou, ele ia para cima.³

¹ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Outubro de 2008.

² Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Janeiro de 2009.

³ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Outubro de 2008.

Em sua época era mais comum as rodas de rua, que reuniam capoeirista de várias partes da cidade, além daqueles que vinham dos povoados de Sergipe.

Quando estivemos no Oiteiro, bairro em que morou, os moradores mais antigos disseram que “antigamente todo domingo tinha roda no Oiteiro”⁴.

Descobrir a casa de Mestre Dunga nunca foi tarefa fácil para aqueles que não viviam no bairro. Na época em que Mestre Diamante foi seu aluno, este perguntava sobre o lugar em que morava, e ele acabava despistando ou desconversando.

As vezes eu perguntava: “Onde tu mora”. “Moro alí na Baixada”. Pronto. Nunca fui na cada dele. Nunca. Também não sabia se ele tinha casa ou não.⁵

Mestre Diamante nunca chegou a ver sua casa de verdade. Mas muitas vezes o via dormindo na rua.

“Chegou uma época que eu ia perguntar: “dorme na praça é?” (...) Deixei para lá. (...) Nunca questionei ele em relação a isso, ou se ele matava, ou se ele roubava. (...) Sei que ele trabalhava.”⁶

A Baixada fica próximo ao Oiteiro. De forma que fica claro que existia malandragem na intenção de não mostrar para seu aluno onde ficava sua casa. Em outras ocasiões acontecia dele confundir qualquer um que quisesse segui-lo: “Vou aqui e volta já. Cadê o homem?! Saia por uma rua e voltava por outra”⁷

Dada ao seu tipo de vida, Mestre Dunga precisava ser malandro, utilizar-se de uma sabedoria próprias daqueles que vivem na rua.

Os elementos essenciais da cultura da capoeiragem, só pode ser desenvolvido nas ruas das cidades, quando os escravos libertos tiveram que sobreviver no meio urbano. É neste meio que se desenvolveu coletivamente a cultura da capoeiragem, sua sabedoria e malandragem, que chega até os dias de hoje.

Mestre Diamante dizia que na rua ele dormia com os dois olhos bem abertos:

“O que eu tenho que viver hoje, eu vivo hoje. Amanhã é outro dia. Justamente esta foi a malandragem que comecei a aprender com ele.”⁸

Mestre Dunga também deixou um mistério sobre o seu nome. Primeiro que todos lhe conheciam pelo apelido. Segundo que até o apelido ele camuflava. O Sr. Gercilio (morador antigo de Penedo) identificou ele por Dunga. Já seus conhecidos no Oiteiro, o identificaram por Tuca. Dois nomes bem próximos, que possivelmente servia para confundir qualquer um que estivesse a sua procura.

No Oiteiro os moradores confirmaram sua morte⁹, em um lugar que fica depois do Tabuleiro dos Negros¹⁰.

⁴ Morador do Bairro do Oiteiro – Dados colhidos em Fevereiro de 2009.

⁵ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Janeiro de 2009.

⁶ Ibidem.

⁷ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Fevereiro de 2009, durante a andança em Penedo.

⁸ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Janeiro de 2009.

⁹ Nesta pesquisa não foi possível fazer um maior aprofundamento sobre a biografia de Mestre Dunga, e investigar melhor a natureza de sua morte e a existência de familiares que ainda podem morar na região. No entanto, conseguimos indicações de nomes de antigos capoeiristas que poderiam nos dar mais informações: Cobra, Josuel, Cícero e um Artesão que tem seus 50 anos que, de acordo com as informações, jogava capoeira na época do Mestre Dunga.

¹⁰ O Tabuleiro dos Negros é uma localidade que fica na zona rural de Penedo, e que surgiu a partir de um antigo quilombo.

Um morador antigo, pertencente à velha guarda da malandragem penedense disse sobre o Mestre Dunga: “Aquilo não era um homem, era um gato. Ele gingava e daqui a pouco você estava no chão.”¹¹

O Mestre Diamante comentou seu jogo:

Não via ninguém derrubar ele não. Via nego tentar derrubar. E eu ficava: ‘Por quê? Será que é combinado?’ Martelo ia e ele estava dentro.¹²

No canto, além das músicas mais tradicionais, também “improvisava demais os versos.”

Ele abria o galão assim, botava para cima, chegava a vibrar. Ele cantava assim cabeça baixa, e quando botava a voz para cima, a cabeça, chega vibrava. Não tinha ninguém que não olhasse para ele quando estava contando. Mudava o tom da voz dele, começava a engrossar.¹³

Mestre Dunga jogou muita capoeira e ensinou também, sua marca era viver a capoeira, ao mesmo tempo que garantia com o suor a sua sobrevivência.

Mestre Dunga trazia em sua experiência o saber de suas andanças por outros estados, como Sergipe e Bahia, e o saber que é expressão da tradição popular das ruas da cidade em que morava, Penedo. Experiência de alguém viajado, que ao mesmo tempo conhecia e fazia parte da tradição da cultura local.

A sabedoria que Mestre Dunga vivia e transmitia a seus alunos não era fruto apenas de uma autoria individual. Evidentemente que sua sabedoria, malandragem, era fruto de uma produção cultural coletiva, o ponto de encontro onde as gerações passadas manifestam sua influência e autoria.

2. Malandragem: expressão da sabedoria do capoeirista

A capoeira nasce na malandragem, na arte de enganar o senhor do engenho, simulando uma dança, enquanto se treinava para o combate. O capoeirista sempre cultivou o segredo, que não era revelado ao primeiro olhar de quem lhe observava. A malandragem de camuflar suas armas, suas intenções, de guardar o famoso “pulo do gato” para a hora certa, tudo isso, através de sua arte, existiu na capoeira desde o seu nascimento.

Quando a capoeira passa a ser praticada de maneira clandestina nas ruas da cidade, o desenvolvimento da malandragem ganha força. Pois o negro tem que sobreviver na adversidade das ruas, sendo discriminado por sua cultura e sem ter nenhuma garantia básica de moradia, alimentação ou saúde. Por isso chamamos a atenção de que é por isso que a malandragem da capoeira, tem haver com a criação de estratégias políticas de sobrevivência no mundo.

A malandragem, desenvolvendo-se nas ruas, torna-se expressão de uma sabedoria que só pode ser exercitada na vida pública, e não no isolamento da vida privada. É evidente que a malandragem, nesta concepção ampla, não está presente somente no universo da capoeira. Nem todo malandro é capoeirista, por outro lado: “Na capoeira para ser um bom capoeirista, precisa ser malandro.”¹⁴

¹¹ Morador do Bairro do Oiteiro – Dados colhidos em Fevereiro de 2009.

¹² Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Outubro de 2008.

¹³ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Janeiro de 2009.

¹⁴ Ibidem.

A capoeiragem de rua se dá no âmbito da vida nas ruas, nos becos e nas praças, acontece, portanto, em um contexto de relações micro-políticas. Não nos parece possível isolar a capoeiragem de rua, da vida nas ruas da cidade. Uma contempla a outra o tempo todo.

De onde vinha então a malandragem que Mestre Dunga expressava na capoeira? Era a malandragem que ele vivia no dia a dia nas ruas que influenciava a sua capoeira? Ou era o inverso?

Mestre Diamante procura responder, chamando a atenção para a impossibilidade de dissociação, entre capoeira e malandragem, sobretudo ao enfatizar a malandragem como elemento fundamental da capoeiragem de rua: “Os movimentos ele aprendia treinando e vendo outras pessoas fazer. Mas a malandragem ele aprendia no dia-a-dia que ele passava. Uma coisa mexe com a outra. Uma vida que era diferenciada, mas ao mesmo tempo não era.”¹⁵

Com a mesma impossibilidade de dissociação, o Mestre Diamante Negro refere-se à sua iniciação na capoeira, afirmando que ao iniciar nesta arte já tinha uma malandragem dentro de si, mas ao mesmo tempo afirma que o convívio com o Mestre Dunga deu um grande impulso em sua malandragem.

“Foi a capoeira que me ensinou toda esta malandragem de hoje.”¹⁶

De acordo com o Mestre Diamante, ao se referir à malandragem no âmbito específico da capoeira, estamos falando da “malandragem da arte da capoeira.”

Esta visão que nós precisamos ter de malandragem, de capoeira, que muitos não têm, é o que falta em um capoeirista. Hoje em dia o capoeira só pensa em dá chute, em dá porrada, e saltar, derrubar de uma forma diferente sem procurar jogo. E qual é o jogo que se faz hoje: ginga para lá, ginga para cá, espera, quando você levanta a perna ele avança, agarrando. Cadê os dois jogar para cima, descer, negativa, pintar, inventar movimento de todo o jeito, para chegar naquele momento e derrubar.¹⁷

A malandragem, sabedoria do capoeirista, está ligada a capacidade criativa do capoeirista, seja no jogar, no cantar, ou nas diversas situações de seu cotidiano.

Certa vez Mestre Dunga disse: “O bom capoeira é aquele que aprende a ler e a escrever.”¹⁸

Parece-nos evidente que Mestre Dunga compreendia que o saber ler e escrever era um conhecimento importante na relação do ser humano com o mundo. O conhecimento da leitura e da escrita tornara-se uma questão de malandragem, de um melhor exercício da política da existência em uma sociedade que tanto valoriza a cultura letrada.

Mestre Dunga dizia:

Como é que agente vai escrever coisas de capoeira? Como que agente vai dar uma música a uma pessoa? Como que agente vai mandar um bilhete prá mulher? Como é que agente vai pedir uma coisa a uma pessoa? Só vai pedir de boca, se agente não pode ir lá?¹⁹

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

Então como é que a malandragem é aprendida? Como é ensinada?

A vivência da malandragem é o dia a dia dela, é aonde você vai, é com quem você joga. Eu falo sempre: ser capoeirista é uma coisa, ser praticante de capoeira é outra coisa. (...) O capoeirista é aquele malandro. Praticar capoeira é só praticar capoeira. (...) A malandragem, o tempo vai lhe fazer.²⁰

Na rua, na capoeiragem de rua, só se pode ensinar o que se vive. É preciso ser autêntico antes de tudo.

“A metodologia de ensino (de Mestre Dunga) era o que era a vida dele. (...) Justamente esta sinceridade, esta malandragem da capoeira, este ser que eu sou hoje que eu tento passar.”²¹

Pois a partir do momento que temos a malandragem como elemento central da capoeiragem de rua, ou seja, algo que aponta para as relações humanas de modo geral, logo teremos a “vida” como a Grande Mestra.

Podemos, então, eleger a auto-formação como o princípio fundamental. O aprendiz não é subestimado em seu saber. É posto para ele a responsabilidade e a autonomia no processo de aprendizagem, a possibilidade de aprender com sua própria experiência.

As rodas organizadas pelo Mestre Dunga junto com seus alunos tinham a intenção de criar condições vivenciais para o aprendizado, onde um procura ser mais malandro que o outro:

No momento em que levava aqueles movimentos²², eu aprendia no momento certo. Tudo que era aplicado em mim, eu aprendia na hora o jeito de se sair. (...) E eu nunca fui também besta. Sempre gostei de está querendo derrubar. Não derrubar para me amostrar, mas sempre derrubar para mostrar que aprendi. Principalmente para ele (o Mestre) ver a minha capacidade de querer aprender.²³

O fato do Mestre Diamante ter conhecido a capoeira através da capoeiragem de rua de Mestre Dunga, fez com que tivesse acesso não só a capoeira em si, mas a todo o seu aspecto psicossocial mais importante: a malandragem como expressão de sabedoria.

Ouvir sobre malandragem, tentar apreendê-la teoricamente não é o mesmo que vivê-la, pois ela só pode ser aprendida vivencialmente. Pude entender bem isto em nossa pesquisa, principalmente em nossa visita a Penedo, onde precisávamos viver a malandragem como elemento facilitador de nossa investigação.

Caminhávamos, levando o berimbau, em direção o centro de Penedo e de repente chega um grupo de cerca de sete jovens, alguns com um jeito meio maloqueiro. Observei o grupo e me questionava sobre sua intenção, pois éramos de fora da cidade e carregávamos mochilas de costa e máquina fotográfica. Na mesma hora em que o grupo se aproximava, em um passo mais rápido que o nosso, e que ficava em

²⁰ Ibidem.

²¹ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Janeiro de 2009.

²² Os movimentos de capoeira podem ser entendidos como golpes de capoeira, no qual o capoeirista tem que se esquivar, movimentando-se para enganar seu parceiro de jogo e criar uma situação de contra-ataque .

²³ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Janeiro de 2009.

paralelo conosco, o Mestre Diamante atravessa a rua, com o berimbau na mão, numa aparente despreensão, e passou a caminhar no meio do grupo. Eu de um lado e ele de outro. O fato dele ter atravessado a rua permitiu que eu visualizasse o comportamento e reação de cada um em relação a ele, e tão logo suas intenções, principalmente daqueles que estava atrás dele. Nesse momento percebi a malícia do movimento do Mestre. Nada de mais aconteceu. O grupo tomou o seu rumo e pronto. Mas se algo acontecesse, como uma tentativa de assalto, certamente que Diamante estava pronto para lidar com a situação, e que de alguma forma, que eu não sei explicar, eu também estava.²⁴

Este é só um exemplo desse dia de pesquisa de campo nas ruas e becos de Penedo. Aprendi que malandragem de rua se aprende na rua. E eu estava aprendendo ali, experiencialmente, no convívio com o meu Mestre.

Ao se referir ao modo como o capoeirista deve lidar com a capoeira, Diamante ressalta importância de não se deixa envaidecer, de ter humildade. Caso contrário o capoeirista “cai feio, derruba muito, mas quando cai, cai feio. E nenhuma queda que ele deu vale pela queda que ele levou.”²⁵

Esta humildade, que procura viver na capoeira, Mestre Diamante percebia no Mestre Dunga:

“Eu nunca me exibi na capoeira, não. Bem assim era o Mestre Dunga: capoeira pura, capoeira de sangue. Capoeira de mostrar o que é, o que vive, em movimentos que é expressão do mundo que outros vivem com a capoeira.”

Na vivência da herança do Mestre Dunga, no seu exercício como modo de ser, de se relacionar como o mundo, de viver, Mestre Diamante perpetua e recria uma cultura que é construída por diversas gerações de capoeiristas.

O encontro das gerações que precedera tanto o Mestre Diamante como Mestre Dunga se dá na vivência desta sabedoria, sempre recriada no presente, ainda que se faça ouvir as vozes do passado. A vivência da sabedoria da capoeira se dá como um desdobramento de possibilidades. Quando o Mestre Diamante vive esta sabedoria e a recria como processo educativo para seus alunos, ele está tendo uma atitude de poderoso desdobramento políticos.

Podemos dizer que fazer dessa sabedoria seu modo de vida, cultivando-a a cada dia como desdobramentos de possibilidades individuais e coletivas, através de uma realização educativa no presente, é, na linguagem de Benjamin (1994), exercer uma ação redentora.

Löwy (2005), em seu estudo das teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin esclarece: “A redenção é uma auto-redenção, cujo equivalente profano pode ser encontrado em Marx: os homens fazem sua própria história, a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.” (LÖWY, 2005, p. 52)

Ela se torna redentora por ser criadora, por quebrar com o determinismo histórico, por lidar com a história e o passado como algo inacabado, possibilitando, assim, aos participantes desse processo educativo, que se encontram na situação de oprimidos pelo determinismo social, o uso da malandragem como estratégia de sobrevivência, de autonomia e de emancipação.

²⁴ Notas do diário de pesquisa de campo.

²⁵ Mestre Diamante Negro – Narrativa registrada em Fevereiro de 2009, durante a andança em Penedo.

A barbárie e a opressão, sacrificaram uma das dimensões mais importantes da capoeira, sua dimensão política, reduzindo-a a um esporte, ou a uma mera arte exibicionista.

Tomando a malandragem como expressão da sabedoria do capoeirista, vivenciando-a no processo educativo, a capoeira toma um caminho que recupera sua dimensão política.

Considerações Finais

A construção histórica, como ato político, referenciada na teoria e metodologia de Benjamin, através da produção de narrativas, nos revela a necessidade de explorar como a memória dos capoeiristas antigos se faz e refaz em experiências diárias, sobretudo na forma como a capoeira é cultivada em seu processo educativo.

Por consequência da nossa atitude diante da história, nos interessaremos pela memória como uma interpretação compreensiva, como criação, como invenção.

Assumir a memória como ato criativo, entendendo-a para além de uma descrição intelectual do acontecido, significa compreender que ela é interpretada no cotidiano como ação, através vivência de nosso modo de ser, do experimentar o mundo.

Na compreensão da transformação histórica, parece-nos uma tarefa essencial, e ainda pouco visitada, explorar modos como memórias se fazem e se refazem, tensionam e se articulam na experiência diária, impregnadas não só nas falas, como nos gestos, comportamentos, rituais, tradições, costumes e sensibilidades (...). (KHOURY, 2004, p.133)

Em nossa pesquisa compreendemos o quanto o Mestre Diamante vive em seu cotidiano, como capoeirista e educador, a memória referente ao seu encontro com o Mestre Dunga. De forma que suas narrativas têm mais relação com o presente, do que propriamente com passado.

De acordo com o Grupo Memória Popular (2004 p.286): “A memória é, por definição, um termo que chama a nossa atenção não para o passado, mas para a relação passado-presente. É porque ‘o passado’ tem esta existência ativa no presente que é tão importante politicamente.”

Este potencial da memória, como prática política, precisa ser explorado pela psicologia social, no planejamento e execução das ações psicossociais.

O potencial da memória como prática política ainda requer, igualmente, muita exploração e reflexão sobre modos como grupos marginalizados ou deslocados se refazem, reconstróem territórios e identidades, reinventam tradições e práticas culturais, até mesmo deixando em segundo plano certos elementos de sua própria cultura. (KHOURY, 2004, p. 134)

A capoeira contemporânea, por outro lado, nega ao praticante sua alma de capoeirista, sua sabedoria cultural, sua implicação política, seu caráter de narrador que comunica sua experiência, ao mesmo tempo que lhe oferece o rótulo de esportista. Um alienado papel de esportista, pronto para saltar de lá para cá, e cantar como mero reprodutor de versos, e que na melhor das hipóteses defende seu grupo, como quem defende um time de futebol, enquanto sua arte é mitificada em um “jogo para turista ver”. Eis aí a barbárie.

Limitar a capoeira ao status de esporte, ou à uma arte de apresentação, é ocultar um de seus aspectos mais importantes, o político. É negar sua raiz histórica, sua sabedoria, e toda sua tradição de luta pela liberdade.

A possibilidade da prática da capoeira como luta de libertação não se deixa vencer facilmente, pelo contrário, está sempre latente, na presença da musicalidade e ensinamentos, através das letras dos cantos, e principalmente no resgate de sua memória e sabedoria.

Consideramos que a construção histórica, a partir da história oral, do contato com grupos sociais silenciados pela história oficial, traz grandes contribuições para o diálogo com a psicologia social, sobretudo ao abordar estratégias de ação psicossocial. Pois o potencial da memória passa a ser valorizado como prática política, no modo como a memória, herança de outras gerações, se constrói no presente e incorpora as ações cotidianas.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: _____. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura de história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 197-221

_____. Sobre o conceito da História. In.: _____. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura de história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 222-232

KHOURY, Y. K. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In.: FENELON, D.R.; MACIEL, L.A.; ALMEIDA, P.R.; KHOURY, Y.K. (orgs.) **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho D'água, 2004.p. 116-138

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin:** um aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história." São Paulo, Boitempo, 2005